

CONCEPÇÃO DE LÍNGUA ADOTADA

A Gramática Gerativa assume que os seres humanos nascem dotados de uma faculdade da linguagem, que, em seu estado inicial¹, é considerada uniforme em relação a toda a espécie humana. Esse estado inicial vai sendo modificado à medida que a criança vai sendo exposta a um determinado ambiente lingüístico. Uma tal exposição promove o desenvolvimento do conhecimento de uma língua específica, o qual permite às crianças construírem todas as sentenças possíveis dessa língua e somente elas.

Conforme vimos na Introdução, no PM (Chomsky, 1995; 1999), uma língua se constitui de um sistema computacional (SC) (universal para todas as línguas) e de um léxico (composto por traços). O sistema computacional faz interface com sistemas cognitivos, a saber, o sistema Articulatório-Perceptual e o sistema Conceitual-Intencional². Essa interface se dá em dois níveis de representação – Forma Fonética (*Phonetic Form*, PF) e Forma Lógica (*Logical Form*, LF).

O início de uma derivação pressupõe necessariamente a seleção dos itens lexicais de uma Numeração (conjunto de itens lexicais associados a índices)³ por meio da operação *Select*. Em seguida, atuam as operações *Merge*, *Agree* e *Move*, que implementam a derivação em si. *Merge* é responsável pela montagem de estruturas hierárquicas recursivamente, ao passo que *Agree* é responsável pela eliminação de traços não-interpretáveis, uma vez que estes são úteis à

¹ Esse estado inicial é definido em termos de uma Gramática Universal (GU).

² Embora Chomsky tenha apresentado o sistema Conceitual-Intencional sem estabelecer qualquer distinção entre a intenção ao dizer e a conceptualização do que se pretende dizer, quando se considera a língua posta em uso no processamento, é necessário distinguir sistemas cognitivos conceptual e intencional (Corrêa, 2005b; Corrêa & Augusto, 2006). Por estarmos caracterizando aqui o PM nos termos de seu proponente, manteremos o tratamento indissociado.

³ Uma Numeração contém diversos pares do tipo (LI, *i*), onde LI é um item do léxico e *i* um índice correspondente ao número de vezes que aquele item será utilizado na derivação. De acordo com Chomsky (1995), uma derivação só termina quando todos os índices são zero.

computação sintática, mas ilegíveis nas interfaces. Assim sendo, assumindo-se o PIP, tais traços têm de ser eliminados ao longo da derivação sintática.

Convém explicitar a diferença entre traços formais e traços semânticos. Um item lexical constitui-se de três tipos de traços: traços fonológicos, traços semânticos e traços formais. Os traços formais interpretáveis podem ser interpretados em LF, ao passo que os traços formais não-interpretáveis devem ser eliminados durante a derivação, antes de LF, de maneira a não violar o PIP. A eliminação de um traço não-interpretável se dá por meio de uma relação de checagem (Chomsky, 1995) ou valoração (Chomsky, 1999) com o correspondente traço interpretável. Tomemos o traço formal de pessoa para exemplificar o quadro exposto. Trata-se de um traço interpretável em pronomes, embora seja um traço não-interpretável em verbos. Os verbos finitos entram em relação de concordância (*Agree*) com o sujeito para que o traço de pessoa não-interpretável nos verbos seja valorado com o traço de pessoa interpretável no sujeito, o que resulta na eliminação do referido traço não-interpretável.

Já os traços semânticos não disparam operações sintáticas. Como nenhum traço precisa ser eliminado, não há razão para que se estabeleça nenhuma relação de concordância. Nesse sentido, pode-se afirmar que uma das diferenças entre um traço formal e um traço semântico reside no fato de poder o traço participar de operações sintáticas ou não, respectivamente.

Move é responsável pelo posicionamento de constituintes na estrutura hierárquica de modo tal que este posicionamento seja refletido na ordem linear em que estes se apresentam, assumindo o Axioma da Correspondência Linear (Kayne, 1994). Uma vez esvaziada a Numeração, tem-se uma estrutura hierárquica em ponto de *Spell-Out*. Nesse ponto, separa-se a informação a ser enviada para as interfaces fonética e semântica. Assim, após o *Spell-Out*, os traços fonológicos dos elementos do léxico são submetidos a um componente fonológico cuja ação resulta na representação fonética do enunciado – passível de ser articulada e/ou percebida pelo sistema Articulatório-Perceptual. Paralelamente, os traços semânticos são submetidos a um componente semântico cuja ação resulta em LF – a forma lógica do enunciado – passível de ser interpretada pelo sistema Conceitual-Intencional.

De acordo com o que é proposto no PM, uma criança ao adquirir uma língua tem de adquirir o léxico dessa língua – constituído de traços fonológicos, semânticos e formais, com parâmetros fixados –, já que o SC é universal.

A GU pode, assim, ser caracterizada em função de uma instância virtual – o SC – e certas propensões: uma propensão para constituir um léxico, composto por traços fonológicos, semânticos e formais; uma propensão para tomar/reconhecer determinados traços semânticos como traços formais (os quais podem adquirir autonomia de sua motivação semântica); uma propensão para reconhecer padrões regulares como indicativos de propriedades gramaticalmente relevantes e/ou para assumir que informação sintaticamente relevante pode ser expressa na morfologia e na ordenação linear dos constituintes (Corrêa, 2006).

No que concerne a Aspecto, sua caracterização como traço formal torna-se evidente em línguas em que há distinções morfossintáticas relativas a valores aspectuais. Sua realização como categoria funcional é, contudo, objeto de controvérsia na teoria lingüística, como será visto em 3.2.